

A DEVOÇÃO MARIANA E A MORTE NA IDADE MÉDIA: ESTUDO SOBRE A RELIGIOSIDADE LAICA ATRAVÉS DAS LAUDAS

Angelita Marques Visalli - UEL

No século XII assistimos a um despertar do laicado expresso nos mais diversos aspectos da vida, o que podemos perceber pela maior abundância de produção e veiculação cultural (literária, arquitetônica) voltada para os leigos e disseminadora de seus valores, e pela efervescência religiosa que levou a que por toda a Europa eclodissem movimentos com características similares, ainda que independentes. O aumento da população, o crescimento das cidades, o número crescente de ofícios especializados - principalmente artesãos, advogados e, em especial, mercadores -, a substituição de grupos compactos ligados por parentesco por grupos maiores e mais fluidos, a maior circulação de idéias e experiências, tudo isso desempenhou a sua parte na formulação da crise religiosa e de uma verdadeira "Reforma", no dizer de Brenda Bolton.¹

As formas então conhecidas pelos leigos para participar da vida religiosa eram bastante restritas até o século XII, quadro esse que se alterou com a constituição das confraternidades religiosas, fenômeno que podemos identificar como o mais importante quanto à história da devoção leiga no período. Ainda que suas origens remontem há séculos anteriores, essas associações se disseminaram grandemente a partir do século XII e têm seu apogeu no seguinte.²

Não tenhamos dúvida quanto à intenção dessas confraternidades: são voltadas para o atendimento das necessidades espirituais dos leigos, mais especialmente para a preparação para a vida no Além. Podemos mesmo afirmar a

morte como o objetivo central da organização confraternal. Mesmo levando em conta a diversidade em seus objetivos centrais, como o canto de louvor, o trabalho caritativo, o atendimento às necessidades das ordens mendicantes etc, a grande adesão dos fiéis às confrarias foi motivada para garantir funerais decentes e sufrágios abundantes.

Bastante comuns aos meios urbanos da Itália e ao sudeste francês no decorrer do século XIII, as confraternidades se tornaram grande alternativa para a vida religiosa desses que não pretendiam abandonar o mundo. Possibilitaram, ainda, coesão social e fortalecimento dos laços de solidariedade, do mesmo modo como o fizeram as associações de mercadores e artesãos entre os dedicados aos ofícios específicos. Este é certamente o aspecto mais inovador em termos de expressão de uma religiosidade mais ativa e espontânea dos leigos.³

O canto de laudas foi um componente característico da vida religiosa do laicado. Ainda que lembrando que as remotas raízes das laudas podemos encontrar nos cantos dos salmos e aleluiantes, relacionamos o movimento coral ao crescimento das confraternidades religiosas: leigos se reuniam para entoar essa poesia religiosa, tendo como tema a morte, a penitência, o louvor a Deus, à Maria e aos santos.

O teor penitencial das laudas é visível, percebendo-se uma alternância entre a rejeição ao mundo (destacando seu fim, sua existência como empecilho à verdadeira vida) e a sua redenção (transformação deste pela purificação/santificação) o que apresenta um quadro de tensão permanente, pois os laudantes são leigos e, portanto, vivem num mundo que teoricamente deveria ser

rejeitado. É exatamente essa contradição que justifica a grandeza da devoção à Virgem entre os fiéis.

A importância do culto à Maria pode ser evidenciada pelo fato de as associações do período normalmente se colocarem sob o "signo" da Virgem. Tendem a se constituir em sua honra e a outro santo, mas sua preponderância é visível. A função mariana mais significativa e característica no século XIII é a de misericórdia, a mãe que protege seus filhos e intercede por eles frente ao Pai. A Senhora que protege os fiéis sob seu manto é imagem bastante difundida no período e a literatura não cansa de a proclamar redentora. Os textos de laudas não somente refletem essa tendência, como foram fundamentais na difusão dessa imagem.

O título de Mediadora provavelmente teve origem na teologia do Oriente, chegando ao pensamento ocidental por volta do século VII. Este termo implicava em dois aspectos de intermediação: um primeiro relativo em que Maria possibilitou a vinda do Salvador até a humanidade, o segundo corresponde à possibilidade de alçar os homens até o Salvador por meio de sua pessoa. Com base nesse primeiro aspecto, a importância de Maria foi bastante valorizada no plano de salvação da humanidade, pois esta não teria sido possível se Cristo não encarnasse e isso somente ocorreu porque Maria nasceu.⁴

Maria como intermediária entre os homens e Cristo marca profundamente a devoção dos homens do tempo e particularmente os textos sobre os quais nos debruçamos.

*O Maria, cum gram piedade/ a voi kiamàm cum humilitate,/ ke tu ce debia sempr'aitare/ dal nimico, ke non ce prenda.*⁵

*O Maria, virgo degna,/ priega Cristo ke ne tegna/ al suo regno, ne sovegna; / per noi sai intercedente!*⁶

Compreendemos da seguinte forma: Maria desempenhou um papel na devoção popular que dificilmente se poderia atribuir a Cristo, pois o tema da punição, do castigo, da vingança, do sangue já havia penetrado por demais na percepção religiosa dos fiéis. Apesar de apresentar Cristo numa fragilidade tão humana, como bebê recém-nascido cercado da atenção materna, mas sem o mínimo conforto, a imagem preponderante ainda será a daquele que julga, muitas vezes mais severo diante da lembrança de seu próprio sofrimento e de Maria que intervém para amenizar. Cremos, como G. Miccoli, que os sofrimentos de Cristo explorados nas cenas de Paixão, no caso, das laudas, devem causar aos pecadores o temor pela dureza do julgamento. A morte do Cristo não vem para enternecer e comover, mas para lembrar da responsabilidade de cada herdeiro de Adão no sacrifício de Deus-homem. Não se apresenta uma discrepância tão completa à tendência que faz valorizar Maria em relação a um Deus colérico, mas a ambivalência de sua dura face se mostra na negatividade mesma de sua misericórdia.

O Senhor é classicamente apresentado em majestade e provoca temor entre os homens:

*(...)aggiatene temença,/ che l'alto Dio del cielo/ daranne la sentenza,/ là du' tucti siremo.(...)/ Elli apparrà sul throno/ de la maiestade/ per giudicare coloro/ cui elli fece envitare.*⁷

Ele define os castigos aos pecadores mortos e envia os flagelos aos vivos:

Mandarò lle al fuoco eterno,/ nell'abisso, a l'inferno,/ col demonio, sempiterno,/ a lui darò questa sententia/ (...)/ Grandene e fame e guerra assaie/ mandorò de molti guaie,/ perché sempre più mal faie/ èi 'ndurato col mal core. ⁸

A relação do devoto com Maria revela uma espécie de “antropomorfismo religioso”. Isso implica numa construção de imagem baseada em conceitos e expressão disponível para torná-la mais próxima e compreensível, particularmente frente às imagens da corte celestial dos séculos anteriores, como já observamos.

Podemos relacionar a imagem protetora de Maria a uma aproximação da realidade cotidiana, como se pode mesmo considerar a respeito do abraço materno subjacente às primeiras antífonas a ela dedicadas. A imagem de Maria com o manto seria a visualização de uma idéia literária já corrente em recolhas de milagres desde o século XI, apresentando Maria não somente acolhendo os pecadores, mas protegendo-os materialmente através da cobertura com o manto.⁹ Nos relatos de milagres de Cesário de Heisterbach no início do século XIII, Maria salva os pecadores envolvendo-os literalmente.

Seria exatamente a capacidade de torná-la próxima da experiência cotidiana da dor (e da alegria) que possibilitou essa aproximação ao laicado.¹⁰ Assim, Maria, justamente por ser mulher, seria mais inclinada à compaixão e ao perdão do que o Cristo, homem, que embora mais severo, é também sensível aos apelos da mãe.¹¹

Peccatori, degni non seimo/ ke sia nostra prece entesa,/ la vergine Maria chiamamo/ ke-nne faccia la defeisa/ della nostra grave offesa;/ suo figliulo deggia pregare/ che lli piaccia perdonare/ tutta la nostra follia. Amen. ¹²

Particularmente reveladora, essa relação mais íntima com Maria: conscientes de seus pecados e considerando-se indignos de serem ouvidos por Deus, pedem a Maria que interceda por eles.

O tempo para o arrependimento e a penitência era ponto importante no contexto das laudas penitenciais. Aqui Maria exerce uma função especial que é exatamente o socorro aos pecadores desesperados por não terem tempo de se penitenciarem antes da morte. A mãe pode mais facilmente ser condescendente com eles que o filho, juiz que avalia mais a miúdo o tempo dedicado à vida mundana e à penitência. Assim, o pecador que comeu e bebeu à vontade, deliciou-se com o conforto, cantou *mal canto*, não aceitou repreensões quanto à má vida e abusou da riqueza, percebe não possuir tempo de vida suficiente para pagar por seus erros e, então, pede auxílio à Virgem:

*La vita non me basta/ a ffarne penetenza,/ cà la morte m'adasta/ a ddarne la sentenza;/ se tu, Vergene casta,/ non n'acatte indulgenza,/ l'anema mea em perdenza/ gira senza temore.*¹³

Uma imagem bastante tradicional na literatura edificante nessa mesma perspectiva de Maria Mediadora é ainda a da intercessão frente ao flagelo da peste: na segunda parte do laudário de Borgo San Sepolcro, Maria escuta os pecadores, após ter sido feito o pedido a Deus e este ter recusado:

Deus: *lo mandaró el mio flagello,/ nel mondo a me ribello,/ e manderò el crudelle coltello / e moria con pistilentia.*¹⁴

Pecador: *Tu (Madre) partoriste el salvatore,/ lui lactando conn-amore:/ priegha, madre, el Redemptore,/ che revochi tal sententia.*¹⁵

Como mãe da humanidade conforta nas “dores da existência” e diante dos “terrores da morte”.¹⁶ Diante dela os pecadores admitem que estão em erro e pedem proteção:

*O regina intercedente,/ a madonna de pietade, /abbiate cura de la gente/ de questa nostra citade:/ scampala de povertade/ per la tua gran cortesia! // O Madonna gloriosa,/ chi em te à devotione/ niente li stai nascosa:/ el peccato li perdoni,/ in paradiso si lo 'ncoroni /e daili alta signoria.*¹⁷

É como mãe de Deus que Maria obtém sua autoridade e essa se fundamenta nas constantes construções que reforçam sua maternidade. Os temas da Paixão e da Natividade de Cristo são os que melhor possibilitam a exposição da relação familiar mãe-filho. As laudas em que a maternidade de Maria se apresenta de modo mais explícito são as que cercam a Natividade, mas várias delas ao tema fazem referência no conjunto de seus louvores.

A devoção à Maria espelha a interiorização da religião e permite diminuir a insegurança desses homens: receio diante da morte e os conseqüentes sofrimentos infernais de um laicado que não mais concebe entregar sua salvação a especialistas clérigos. Junto a tantas outras conquistas leigas no ambiente da renovação urbana, econômica e cultural, no universo religioso se organizou a porção da *ecclesia* que até então desempenhava uma função de espectadora. Mas essa conquista se faz sem possibilidades claras de convivência entre o estado leigo e a dedicação às questões do espírito, na medida em que a “rejeição do mundo” era a referência fundamental da experiência religiosa desde os primeiros séculos cristãos e, especialmente, na desenvolvida no decorrer da Idade Média, quando o grande modelo de conduta era o daquele que mais se afastava do mundo, o monge.

Maria encarna a esperança através de um perfil de mediadora entre os pecadores e Deus. As qualidades que marcavam sua devoção já estavam delineadas quando, movidos por uma nova espiritualidade, os leigos a adotaram para representá-los. Adoção afetiva realizada no espírito de comoção que caracterizou o tempo.

1 BOLTON, B. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 22.

2 Meersseman indica a existência de confrarias leigas de acordo com a capitular de Carlos Magno de 779, onde são declaradas lícitas as *gildoniae* com objetivos caritativos, e com o decreto sinodal de 852 de Hincmar de Reims, onde são estabelecidas regras normativas para essas organizações. MEERSSEMAN, Giles Gerard. **Orde fraternitatis, confraternite e pietà dei laici nel Medioevo**. Roma: Herder, 1977, pp. 47-48.

3 VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 142.

4 PELIKAN, J. **Maria dos séculos: seu papel na história da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 178.

5 1Cort, 13,39-42. **Laude cortonesi dal secolo XIII al XIV** (a cura di Giorgio Varanini, Luigi Banfi, Anna Cerutti Burgio. Città del Castello: Leo S. Olschki Editore, 1982, vo.I).

6 1Cort, 14,83-86

7 2Cort, 54,4-7; 22-25

8 Sep 17, 28-31; 40-43. **Laude de Borgo San Sepolcro** (a cura de Ermanno Cappelletti. Città del Castello: Leo S. Olschki Editore, 1986.

9 ALIMONTI, F. R. La *mater misericordia* nella tradizione cisterciense. In: **Marianum**, 153. Roma: Pontificia Facultas Theologica 'Marianum', 1992, pp. 207-209.

10 Ibidem, p. 219.

11 MICCOLI, G. Gli ordini mendicanti e la vita religiosa dei laici. In: **Storia religiosa** (Storia d'Italia, vol. II) .Torino: Einaudi, 1976, pp. 827-829.

12 Sep, 7, vv 149-156.

13 JT, 62, 53-60. **Laude** (a cura di Franco Mancini). Bari: Laterza, 1980.

14 Sep, 17, 20-23.

15 Sep, 17, 56-59.

16 Miccoli, G., Op. cit., p. 830.

17 Aret, 54,47-58. **Il Laudario "Froncini" dei disciplinatti di Assisi** (a cura di Franco Mancini). Città del Castello: Leo S. Olschki Editore, 1990.